

9 JAN 1988

Opinão Editorial Exemplo digno de apoio

ESTADO DE SÃO PAULO

p 3

Pela voz do líder sindical Luiz Antônio Medeiros, os trabalhadores fazem saber que "preferem discutir com quem tem poder para decidir". O presidente do maior sindicato operário da América Latina, o dos metalúrgicos de São Paulo, reuniu-se com representantes do Centrão, para ele "indiscutivelmente a maioria" do Congresso Constituinte. Quem se disporia a contestar pontos de vista expostos com tamanha sensatez, fundamentados em fatos que estão aí, à vista de todos? O grupo parlamentar formado para compor a maioria de democratas equidistantes da extrema direita e da extrema esquerda tem mostrado, um tanto tardiamente, mas ainda em tempo, que pode comandar os trabalhos da Assembléia Nacional Constituinte, extraindo deles conseqüências que consultem o interesse público. Ora, parcela ponderável desse interesse se reflete nos anseios mais sentidos e nas reivindicações mais justas da classe trabalhadora. Nada mais natural que entre os líderes dessa classe e os representantes do Centrão se estabeleça o diálogo democrático do qual haverá de resultar um consenso sobre os pontos de convergência entre os reclamos do capital e do trabalho, na construção de uma ordem econômica alicerçada sobre a liberdade de empreender.

Afinal, o Centrão é um grupo

de representantes do povo e Medeiros fala pelo maior número de seus companheiros metalúrgicos, com a vantagem de não ser *xiita* nem *albanês*, ver com clareza as circunstâncias que balizam a evolução do processo político e saber bem o que deve pleitear, desempenhando o mandato de que está investido. Ele tem repetido, coerentemente, que o desenvolvimento da empresa privada atende às exigências dos assalariados. Ninguém, de boa-fé, haverá de discordar de tal assertiva. Quanto mais próspera for a empresa, melhor poderá assistir a força de trabalho que a aciona. Luiz Antônio Medeiros tem tido o bom senso de lembrar que a colaboração do capital estrangeiro é necessária ao desenvolvimento do País. E como o Brasil, que é pobre, embora dotado de recursos naturais, poderá crescer, se lhe faltam condições para queimar etapas na conquista de patamares mais altos de progresso e bem-estar? Entre tais condições avultam, evidentemente, a moeda forte, que multiplica o investimento, e a tecnologia, entendida como maneira aperfeiçoada de produzir.

O exemplo do líder sindical paulistano precisa ser compreendido até por congressistas que debateram contra o esforço patriótico para adaptar o futuro texto constitucional à necessidade de afastar a

influência nociva do Estado sobre a economia; e à conveniência de atrair capitais de fora para dinamizar a produção, seja industrial, seja agropecuária, a circulação de bens e a prestação de serviços que integram o PIB. De nada adianta acenar com a panacéia de um Brasil autárquico cujo mercado interno absorvesse esse PIB. Riqueza quer dizer transformação, pelo trabalho, dos recursos naturais; e, não vindo do Exterior capitais que financiem essa transformação, como se haverá de assegurá-la e, por intermédio dela, gerar a prosperidade que elevará o nível daquele mercado? O Brasil não tem poupança ou a tem em níveis tão insignificantes que não pode, sozinho, custear seu desenvolvimento. Essas verdades, que se impõem com a força dos fatos, ainda são negadas por quantos, partidários da onipotência e da onipresença do Estado, repudiam a idéia de trazer a poupança externa para queimar etapas na construção de um futuro melhor, mais digno e mais justo.

Será indispensável que senadores e deputados, dedicados à tarefa inglória de evitar a entrada dessa poupança e de escorraçar daqui o capital estrangeiro que tem contribuído para o progresso do País, conversem com Luiz Antônio Medeiros e ouçam dele a lição que lhes pode ministrar, em nome

dos trabalhadores brasileiros — os maiores interessados em que a disseminação da prosperidade alcance a totalidade da população, redimindo-a dos males que a afligem, agravados pela inflação. Vale a pena assinalar, de passagem, que esses que assim batalham pelo retrocesso que seria o fruto fatal do empobrecimento do País, fechado ao mundo e debruçado sobre suas próprias insuficiências e carências, se autodenominam progressistas, quando na verdade não passam de rematados reacionários, tomada esta palavra em seu sentido de opositores ao que signifique evolução natural.

Bem avisado, pois, anda o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo buscando influir junto a quem delibera no Congresso Constituinte, no propósito de garantir para os trabalhadores o reconhecimento de direitos a que fazem jus, como co-participantes do processo de emancipação nacional — a ser obtida graças à quebra dos grilhões que prendem o País ao subdesenvolvimento. O Centrão não é apenas o grupo mais numeroso, capaz de votar e levar a melhor, no âmbito da Constituinte; é também o grupo dos que haverão de levar de vencida *xiitas* e *albaneses*, as imposições da realidade, que são tão bem compreendidas por Medeiros.